



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 22 – Ano XI – 10/2022
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

O CHORO NO CENÁRIO MONTESCLARENSE: Aspectos musicológicos e históricos

Edson Couto Silva

Licenciado em Artes/ Música

Universidade Estadual de Montes Claros- Unimontes/MG - Brasil

Docente do Conservatório Estadual de Música Lobo de Mesquita

Diamantina - CEMLM - Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5406629379866809>

E-mail: edson.couto@educacao.mg.gov.br

Romário Allef Ribeiro Silva

Universidade Federal de São João Del Rei UFSJ- MG - Brasil

Doutorando em Música da UFMG/Brasil

Mestre na linha de Dimensões Teóricas e Práticas da Formação Musical

Docente do Conservatório Estadual de Música Lobo de Mesquita

Diamantina - CEMLM - Brasil

<http://lattes.cnpq.br/0172711806275313>

E-mail: r.allef.rs@gmail.com

Resumo: Este estudo investiga a presença e influência do gênero musical "choro" na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Através de uma análise abrangente que abarca depoimentos, entrevistas e relatos de músicos locais, explorou-se a interconexão entre a tradição do choro e a cena musical contemporânea da cidade. A pesquisa destacou a importância dos músicos autodidatas e da transmissão intergeracional na preservação do choro, assim como a influência das instituições de ensino musical, como o Conservatório Estadual Lorenzo Fernandez. O estudo apresentou relatos detalhados de músicos como Geraldo Paulista, Jesuíno da Rocha Ramos, Delmar Ferreira Antunes e Luiz Pernambuco, revelando suas histórias de aprendizado e prática do choro. Também foram examinados grupos de choro locais, como o Grupo de Choro Geraldo Paulista e o Choro de Confraria, que desempenham um papel crucial na disseminação e promoção desse gênero musical. No entanto,

apesar dos esforços de músicos e grupos em preservar o choro, desafios em expandir sua presença na sociedade local foram identificados. O estudo oferece uma compreensão mais profunda da rica tradição do choro em Montes Claros e destaca como a música transcende gerações e contextos, desempenhando um papel vital na cultura musical local.

Palavras-chave: Choro. Tradição cultural; Montes Claros

Introdução

Compreender a cultura de um povo sempre foi uma incógnita para alguns pesquisadores. A definição do termo "cultura" dada pelo antropólogo britânico Edward Taylor é amplamente aceita, definindo cultura como um complexo que engloba conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e outros aspectos adquiridos pelos indivíduos como membros de uma sociedade (LARAIA, 1986).

No entanto, Geertz oferece uma perspectiva mais interpretativa sobre a cultura, associando-a aos significados que os indivíduos constroem. Ele destaca que os seres humanos são animais que tecem teias de significados, e a cultura é composta por essas teias e suas análises, não como uma ciência experimental, mas como uma busca pelo significado (GEERTZ, 1973).

A partir das múltiplas definições de cultura que uma sociedade pode apresentar, tomar-se-á como foco desta pesquisa a música como manifestações culturais, mais especificamente, o Choro na cidade de Montes Claros – MG. Queiroz (2003) observa que Montes Claros possui uma diversidade de manifestações culturais, das quais a música é uma expressão central.

Em 1857 – através da lei provincial nº 802, a Vila de Montes Claros de Formigas é elevada à categoria de Cidade, com a denominação de Montes Claros”. Desde então, a cidade vem se desenvolvendo tanto na parte de polo industrial como na parte cultural, sendo assim a maior cidade do norte de Minas.

Ao longo dos anos, as expressões musicais cresceram em Montes Claros, incluindo grupos musicais diversos, desde congados até carnavais de rua (DE PAULA, 1979). Os congados desempenharam um papel significativo na formação cultural da cidade, servindo como um veículo religioso e de conexão com os santos (QUEIROZ, 2003). A Folia de Reis também é uma tradição religiosa importante na cidade, envolvendo a

devoção a santos e momentos do catolicismo (QUEIROZ, 2003, p. 10). Nas palavras do autor:

A música dos grupos de Congado tem fundamentalmente uma função religiosa, como citado anteriormente. Ela é o principal veículo de ligação entre o homem e o divino. É através da música e das mensagens que ela transmite que se estabelece a relação dos congadeiros com os santos dos quais eles são devotos.

Nessa citação, Queiroz destaca a importância da música nos grupos de Congado como um meio fundamental de conexão entre o humano e o divino. Ressaltando como a música desempenha um papel crucial na construção da relação entre os congadeiros e os santos a quem eles são devotos. Para o autor, a música não é apenas uma forma de expressão artística, mas também atua como

Mendes (2006), afirma não haver uma data precisa da origem do congado em Montes Claros, entretanto, sua pesquisa aprofundou-se em documentos antigos que provam a atividade das práticas de congado desde 1841, com a existência do Terno de São Benedito. Em nota o autor retrata o seguinte acontecimento “Pesquisando os documentos históricos da cidade, foi encontrado no jornal Montes Claros, datado de 17 de agosto de 1916 onde trata das tradições no Brasil uma referência à existência do Congado na região de Montes Claros”. (MENDES, 2006. p.33).

Em Montes Claros, o Congado é constituído por três guardas: Catopês, Marujos e Caboclinhos. Guardas que, atualmente, se subdividem em três ternos de Catopês, dois ternos de Marujos e um terno de Caboclos. (QUEIROZ, 2003), com essa junção de variações de ternos, o congado de Montes Claros obteve uma textura mais rica em termos de cultura, tornando-se tradição nas famosas Festas de Agosto.

Outra tradição conhecida na cidade são os grupos de Folia de Reis, onde as manifestações religiosas são bem constantes. Segundo Queiroz (2003) foram registrados em média trinta grupos de Folia de Reis em atividade nas regiões de Montes Claros. Tanto nos grupos de congados como na folia de reis, existe certo compromisso com a religiosidade, pois essas manifestações lidam diretamente com devoção de santos ou momentos importantes da história do catolicismo.

Um outro estilo musical de relevância que ganhou destaque em Montes Claros é a conhecida Modinha. Segundo Napolitano (2002, p. 28), a Modinha é caracterizada por uma atmosfera melancólica e uma pretensão erudita evidente tanto em sua interpretação quanto em suas letras, especialmente na sua forma clássica que foi desenvolvida durante o período do Segundo Império. De acordo com (DE PAULA,

1979), já na segunda metade do século XVII, a Modinha estava sendo entoada no Brasil, e Montes Claros não foi exceção a essa tendência.

Somente nos fins do século XIX, poetas, músicos e cantores conseguiram deixar marcas de suas passagens. Foi a época romântica dos montes-clarenses, a época das serestas ao luar e das canções apaixonadas, que perdurou em ritmo crescente até 1916 mais ou menos. Com a chegada da luz elétrica, tirando o encanto das noites de luar do sertão (...).(DE PAULA, 1979, p. 97).

Sarmiento *apud* Rocha (2010) refere-se à modinha como “canção de amor feita em homenagem a alguém; uma canção de queixa amorosa, que por sinal, é a finalidade da seresta; é feita para ser cantada a noite”. Entre compositores que se destacam nesse gênero musical, alguns passaram por Montes Claros e deixaram sua marca presenteando a cidade com belas canções. Entre os compositores nascidos em Montes Claros temos o João Chaves. Segundo Coimbra, (2010) este compositor é considerado como o mais representativo compositor de modinha da cidade e um dos principais do Brasil.

Em meios às várias canções de autoria de João Chaves, destacam-se as músicas “Amo te muito”, pelo sucesso nacional e pelas inúmeras gravações que se encontram em acervos da música brasileira popular; e a modinha Bardo, canção de significativa representação para a cidade, principalmente pelos motivos que levaram João Chaves a escrevê-la. (ROCHA. 2010, p. 296).

Da modinha surgiram os seresteiros que iluminavam as noites de montes clarenses, tradição que resiste e se mantém até hoje. Os instrumentos usados em uma seresta tradicional são: violão, Bandolim e cavaquinho, além da peça chave desses grupos, às vozes dos seresteiros.

Diversos grupos de seresta brilham no contexto musical de Montes Claros, a exemplo de João Chaves, Luiz de Paula e Lágrimas ao Luar, conforme ressaltado por (MAURÍCIO, 1976). Um exemplo notável de uma prática contemporânea de seresta é o conjunto "Vozes de Prata", que atualmente é dirigido pela professora Fabíola Monção, integrante do Departamento de Artes da Unimontes, como relatado por (ROCHA, 2010). Com efeito, é possível afirmar que alguns membros desses grupos mencionados têm prática ou uma certa afinidade com o Choro, evidenciando uma ligação entre esses gêneros musicais.

(...) Grupos de seresta como o “João Chaves” o “Luiz de Paula”, e “Lágrimas ao Luar”, conjunto como o Banzé, bandas como a do Décimo, toda uma gama de atividades artísticas do Conservatório Estadual Lorenzo Fernandez, tão bem liderado por D. Marina, são atestados emocionantes da nossa participação no verdadeiro valor da vida brasileira, um fazer e despertar de sentimentos regionais e nacionais, da mais alta expressão. (MAURÍCIO 1976, P. 108).

A fala de Maurício ressalta a vitalidade e a riqueza das atividades musicais presentes em Montes Claros. Ao mencionar grupos como "João Chaves", "Luiz de Paula", e "Lágrimas ao Luar", bem como conjuntos como o "Banzé" e bandas como a do "Décimo", juntamente com a ampla gama de expressões artísticas cultivadas no Conservatório Estadual Lorenzo Fernandez sob a liderança de D. Marina, o autor, (MAURÍCIO, 1976), enfatiza a contribuição significativa dessas manifestações culturais para a identidade e a vitalidade da vida brasileira. Refletindo sobre a importância desses grupos e instituições na preservação e promoção da cultura local, além de evidenciar o papel crucial da música como um meio de despertar e expressar sentimentos tanto regionais quanto nacionais, em um contexto de profunda expressão artística.

Assim, pode-se afirmar que a modinha teve um importante papel nas noites de Montes Claros, com tudo não se pode deixar de citar de onde vem boa parte de alguns músicos da cidade, quando se fala do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez, que por sua vez ajudou muito para formação de grandes artistas norte – mineiros. Inaugurado no dia 14 de março de 1961, o conservatório tem sido um avanço em termos de musicalidade para com seus alunos, trabalhando métodos e dinâmicas para a formação de músicos e instrumentistas no intuito de prepará-los para o cenário musical regional e nacional.

Há mais de sessenta anos, o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez desempenha um papel fundamental no fomento da arte e cultura no Norte de Minas, além de ser um centro de formação para notáveis talentos nas áreas da música, artes plásticas e artes cênicas (UNIMONTES, 2002, p. 12).

Marina Lorenzo Fernandez e Silva, como mencionado por Carmo (2002, p. 69), concebeu a ideia de estabelecer conjuntamente o Conservatório na cidade de Montes Claros, em Minas Gerais. Isso evidencia que o Conservatório Lorenzo Fernandez tem um lugar distintivo na história cultural e musical da cidade, atualmente desempenhando um papel relevante na comunidade e alcançando reconhecimento

tanto nacional quanto internacional. Sua presença enriquece significativamente o cenário artístico da região do norte de Minas.

Em síntese, a exploração da cultura de Montes Claros revela um rico tecido de manifestações musicais e artísticas que são intrinsecamente entrelaçadas com a história da cidade e sua identidade. Desde os grupos de Congado e Folia de Reis, que desempenham um papel religioso e tradicional, até as modinhas que emocionaram as noites românticas, a música tem sido um veículo fundamental para a expressão de devoção, emoções e significados profundos. O Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez surge como um pilar de formação, capacitando talentos e enriquecendo a cena cultural não apenas localmente, mas também nacional e internacionalmente. A diversidade de grupos, compositores e estilos ressalta o valor da expressão artística como elo entre o passado e o presente, representando o verdadeiro espírito da vida brasileira e regional. Nesse contexto, a música não é apenas entretenimento, mas uma narrativa viva e emocional que enriquece a alma da cidade e de seu povo.

Dentro desse contexto, o gênero do Choro se entrelaça harmoniosamente, unindo tradições passadas com a contemporaneidade. Grupos como "Vozes de Prata" e músicos locais, como João Chaves, têm enriquecido a herança musical da cidade, perpetuando a paixão pelo Choro. Assim, a cultura musical de Montes Claros ressoa como um testemunho vivo da conexão entre passado e presente, um testemunho de como o Choro e outras expressões musicais transcendem o tempo, oferecendo uma trilha sonora que reflete a essência profunda da vida local e brasileira.

Choro em Minas Gerais: Inspirações, Expansão e Conexões Musicais

Conforme evidenciado anteriormente, o choro apresenta uma rica tessitura composta por elementos harmônicos, melódicos e rítmicos, conferindo-lhe um papel fundamental como uma escola valiosa para músicos brasileiros que almejam uma sólida formação musical e uma compreensão mais aprofundada das teorias e métodos que o choro oferece. No contexto do Brasil, o choro experimentou uma expansão notável impulsionada pelo rádio e pelo advento da Era de Ouro no início dos anos 1930. Durante esse período, diversos instrumentistas e grupos de choro

desempenharam um papel fundamental na cena musical instrumental brasileira, contribuindo de maneira significativa.

Conforme já discutido, o Choro tem vindo a disseminar-se pelo país desde 1870 (DINIZ, 2003). Em Minas Gerais, a história do choro foi construída através de encontros e rodas de músicos em bares, botequins e saraus que frequentemente ocorriam em residências familiares. Em Belo Horizonte, destacam-se alguns músicos no cenário das práticas de choro, a exemplo do cavaquinista Ausier Vinícius e do saxofonista Belini Alves de Andrade, entre outros.

No seu estudo, Flávio (2005) registra a chegada do grupo de choro Oito Batutas a Belo Horizonte como um momento histórico marcante para a cidade. Contudo, nesse contexto, é fundamental ressaltar um acontecimento de relevância no desenvolvimento do choro em Belo Horizonte: a apresentação do conjunto Oito Batutas em 21 de janeiro de 1920 no Cine América. Os Oito Batutas, um grupo pioneiro do choro no Brasil, contavam com a presença de músicos notáveis como Pixinguinha, Raul Palmieri, José Alves, China, Jacó Palmieri, Luiz de Oliveira, Donga e Néelson Alves em sua formação. Financiados por Arnaldo Guinle, uma das personalidades mais abastadas do Brasil naquela época, partiram em uma turnê no final de 1919 com dois objetivos centrais: difundir sua música e coletar informações sobre a música popular brasileira (FLÁVIO, 2002, p. 17).

A chegada do grupo Oito Batutas a Belo Horizonte estimulou diversos músicos a se envolverem e a criar conjuntos de choro na cidade, conectando-se com a rica tradição desse gênero musical. O avanço do rádio na década de 1930 também teve um impacto significativo, permitindo que as composições de choro fossem mais acessíveis, despertando o interesse de muitos instrumentistas emergentes na época. Conforme Flávio (2005) destaca, o choro estabeleceu sua presença em Belo Horizonte através do surgimento de gravações fonográficas comerciais. Esse fenômeno desempenhou um papel crucial ao permitir que o movimento do choro transcendesse as fronteiras cariocas e alcançasse as Minas Gerais, tornando-se parte integrante da rica tapeçaria musical local.

O Choro em Montes Claros: Suas práticas e influências

As manifestações de choro em Montes Claros não são tão intensas como em outras cidades do Brasil. De acordo com Pinheiro (2015), “Aqui em Montes Claros o choro ainda não está muito difundido, então essa prática musical do choro, ela não está muito evidente pra mim ainda”.

Nesta cidade, certos grupos e músicos adquiriram experiência no choro, mantendo viva a sua influência e cultura na cidade. Essas entidades se congregam para se estruturar e explorar o gênero, com o propósito de transmitir esse conhecimento a outros músicos.

Desde 2004, desempenha essa tarefa o grupo Chorões da Madrugada, ligado ao projeto Roda de Choro da Universidade Estadual de Montes Claros. Sob a orientação do professor e flautista Luciano Cândido e Sarmiento, membro do departamento de artes da Unimontes, esse grupo tem cumprido tal missão. Sarmiento (2015) analisa a atual situação da prática musical do choro na cidade de Montes Claros de uma maneira bem otimista:

O que eu tenho observado na minha experiência como músico, como locutor do programa de rádio Roda de Choro e também como apreciador do gênero é que a gente tem importantes grupos de chorinho em Montes Claros, pessoas ativas que apreciam o choro, músicos isolados, têm muitos músicos que vieram de outra cidade que hoje residem em Montes Claros que hoje são chorões, bastante tradicionais, eu conheci em Montes Claros alguns outros músicos que já faleceram também, que eram especialistas em choro, então Montes Claros possui uma história de música, sua história musical, digamos assim tem uma referência musical bastante importante e nessa referência ela traz o chorinho, tem músicos como Godofredo Guedes, tem as serestas que são importantes e conhecidas em Montes Claros e no repertório das serestas você encontra vários choros, você encontra nas formações instrumentais das serestas bastante chorões então eu vejo o choro como um gênero importante na história cultural de Montes Claros na formação musical de Montes Claros (...). (SARMENTO, 2015).

Sarmiento destaca a presença significativa do choro na história cultural de Montes Claros. O flautista, com base em sua experiência como músico, locutor de rádio e apreciador do gênero, ressalta a existência de importantes grupos e músicos de chorinho na cidade, tanto aqueles que são ativos na cena musical quanto músicos isolados que contribuem para a valorização do choro. Ele menciona a presença de músicos tradicionais e também aqueles que migraram para Montes Claros, enriquecendo a cena chorística. Além disso, destaca a ligação do choro com a história musical da cidade, mencionando figuras importantes como Godofredo Guedes e a presença do choro nas formações instrumentais das serestas locais. Através dessas observações, Sarmiento enfatiza a relevância do choro como um gênero musical importante e integrante da identidade cultural de Montes Claros.

Grupo de Choro Geraldo Paulista: Preservando a Tradição

Outro grupo que se destaca em termos de práticas e didática do choro é o grupo Instrumental Geraldo Paulista, formado pelos professores do conservatório Lorenzo Fernandez. O nome do grupo foi dado em homenagem ao professor, compositor e instrumentista Geraldo Pereira da Silva, conhecido como Geraldo Paulista.

Geraldo Paulista foi responsável por implantar o curso de violão no conservatório Lorenzo Fernandez, onde ele lecionava aulas do instrumento. Além de professor Geraldo Paulista também teve uma formação militar tocando instrumentos de sopro, porém era do cavaquinho que ele tinha contato imediato com o choro, através desse instrumento ele se tornou um excelente solista. Exímio instrumentista Geraldo Paulista tem seu reconhecimento por muitos professores do conservatório que foram seus alunos.

O professor de Música do Conservatório Lorenzo Fernandez, Wanderdaik Fernandez da Silva, filho de Geraldo Paulista e integrante do grupo, retrata como era a figura de seu pai no meio musical Montesclarenses:

Tinha um grupo de choro aqui que ainda não era Geraldo paulista, em que ele era a parte de solo, ele era o solista, ai esse grupo na verdade a gente pode até dizer que o grupo Geraldo paulista é continuação de uma coisa que ele criou, então por consideração assim posso dizer e respeito pelos próprios alunos dele que faziam parte do grupo que a gente participava estão apresentando isso pra não deixar acabar né? ... Assim Papai era uma pessoa ativa e sempre estava tocando Tinha o Grupo instrumental Marina Silva, que agente fazia parte também e tinha parte de choro, tocava Brasileirinho e outros estilos, também e mesmo além de choro, tinha outros estilos modernos de música contemporânea que muitas vezes ele fazia o cavaquinho ou bandolim e o banjo [...] (DA SILVA, 2015).

Wanderdaik ressalta a continuidade do legado do grupo original liderado por Geraldo, com o atual Grupo Geraldo Paulista. Ele também enfatiza a importância de preservar a tradição do choro, mencionando a atuação ativa de seu pai no Grupo Instrumental Marina Silva, que abrangia tanto o choro quanto outros estilos contemporâneos. Isso demonstra a influência duradoura do choro na cena musical local.

Em termos de práticas, o grupo Instrumental Geraldo Paulista vem se destacando há muitos anos no cenário musical de Montes Claros. Além do choro, o grupo tem um repertório vasto explorando também outras vertentes como samba e bossa nova em arranjos variados. Como já dito o grupo tem como formação os professores do conservatório, um desses professores é o violonista e compositor José do Nascimento Queiroz, conhecido na cidade como Jukita Queiroz. Em entrevista, ele retrata a questão da prática do choro em Montes Claros:

Minha visão em relação a prática do choro, assim, já tem uns dez anos que temos um grupo aqui no conservatório que a gente, o propósito é mais essa questão de estar motivando os alunos, motivando, levar pra sociedade também, um pouco desse gênero que eu acho que na minha visão, por exemplo, eu acho que é de suma importância no cenário musical da música Brasileira, o choro é essencial, surgiu logo lá no início das primeiras gêneses da Música Popular Brasileira, e genuinamente brasileiro, porém assim eu atualmente eu vejo que essa questão da prática musical desse gênero musical em Montes Claros, existe intenção de que essa coisa que o choro vingue de fato mas são poucas as coisas que têm sido feitas eu acho que é pouco pra ele chegar efetivamente na sociedade de uma maneira mais ampla[...].(QUEIROZ, 2015).

Queiroz revela sua perspectiva sobre a prática do choro em Montes Claros. Ele destaca a importância do choro no cenário musical brasileiro, ressaltando sua relevância histórica e autenticidade. O entrevistado também menciona a existência de um grupo no conservatório, que busca motivar os alunos e levar o gênero para a sociedade. No entanto, ele aponta que, apesar das intenções, ainda há desafios em expandir o choro de maneira mais ampla na sociedade local, sugerindo que mais esforços poderiam ser direcionados para tornar o gênero mais presente e apreciado.

Papel de Sebastião Andrade: Preservando a Tradição

Um membro de destaque no grupo Instrumental Geraldo Paulista é o Professor Sebastião Andrade, também responsável por lecionar aulas de violão clássico no Conservatório Estadual Lorenzo Fernandez de Montes Claros. Tião, como é conhecido, desempenha um papel significativo como um dos integrantes mais antigos do grupo. Ele teve um papel fundamental na criação e promoção da prática do choro no conservatório. Tanto Tião quanto Wanderdaik, juntamente com outros membros do grupo, tiveram uma relação próxima com o professor Geraldo Paulista. Isso os sensibilizou para a importância de manter a prática do choro entre os alunos, culminando na ideia de fundar o grupo de choro sob o nome de Instrumental Geraldo Paulista. Como pioneiro na divulgação do choro no conservatório, Tião compartilha sua vivência com o gênero, influenciada pelo contato com o professor Geraldo Paulista, conforme mencionado em entrevista, em suas palavras:

A gente tinha um professor aqui, que era o Geraldo Paulista que inclusive o grupo de choro aqui que a gente toca é em homenagem a ele. Então ele já tinha uma tradição de tocar Choro e aí ele exercitava isso com os alunos, porque ele dava aula de violão popular e costumava tocar com o pessoal aí, com os alunos dele né? E aí como ele já tocava cavaquinho aí começamos a juntar por influência dele, e começamos a tocar, a fazer chorinho, então na verdade quem difundiu o choro aqui no conservatório foi o professor Geraldo paulista. (ANDRADE, 2015).

O testemunho indica que Geraldo Paulista, um músico com tradição no choro, não apenas ensinava violão popular, mas também incentivava a prática do gênero com os

alunos. Sua influência e habilidade como cavaquinista foram cruciais para a formação do grupo de choro em homenagem a ele. Essa narrativa sublinha como o professor desempenhou um papel central na introdução do choro no ambiente educacional, deixando um legado duradouro ao impulsionar a formação e a paixão pela música entre os estudantes.

Além de professor e músico instrumentista, Tião se destaca como compositor e arranjador. Algumas músicas que são tocadas no grupo Instrumental Geraldo Paulista são composições ou transcrições de Tião que fazem parte do repertório do grupo.

Para Luciano Cândido, o choro é uma escola popular, que contribui muito para a cultura musical com métodos bem característicos mesmo. O choro, para Sarmiento, é toda maneira uma potência musical, onde se pode, obviamente, aprender tocando.

O choro, ele se consolida como uma escola, uma escola popular de cultura popular, de métodos bastante próprios, métodos de observação de repetição de você colocar todo mundo numa roda tocando e aqueles que aprendem os que não aprendem, vão dando espaço para aqueles que querem aprender, esse tipo de procedimento seleciona apenas aqueles que realmente têm um grande potencial musical, uma persistência notável, poucos conseguem aprender, mas os que aprendem aprende muito bem... O choro passou de tradição oral para uma tradição mais acadêmica e hoje a gente tem vários exemplos de escolas de choro, como Raphael Rabello, Luciana Rabello, a Escola Itinerante [...].(SARMENTO, 2015).

Sarmiento destaca o choro como uma escola de música popular enraizada na cultura brasileira. A prática tradicional do choro, muitas vezes realizada em rodas de músicos, é vista como um método de seleção natural, onde aqueles com grande potencial e determinação se destacam. Ao longo do tempo, o choro evoluiu de uma tradição oral para uma abordagem mais acadêmica, com exemplos como as escolas de choro de Raphael Rabello e Luciana Rabello, assim como a Escola Itinerante. Isso ressalta como o choro se mantém vivo, adaptando-se para garantir a continuidade de sua rica tradição musical.

Por um lado, as instituições formais exercem o seu papel de passar para os alunos os conhecimentos do choro. No entanto, a música urbana em Montes Claros é uma atividade bem constante entre os músicos da cidade que não fazem ou tiveram contato com uma formação de quesito formal de uma instituição como o Conservatório Lorenzo Fernandez, ou a Universidade Estadual de Montes Claros a Unimontes.

Tradição e Renovação na Cena Musical de Montes Claros

O contexto do choro em Montes Claros revela uma rica tradição musical enraizada em experiências pessoais e influências familiares. Músicos como Luiz Pernambuco,

Jesuíno da Rocha Ramos e Delmar Ferreira Antunes carregam consigo a herança do choro, transmitida por meio de aprendizado autodidata e conexões com músicos mais experientes. O acordeonista Luiz Pernambuco compartilha sua jornada desde a influência paterna até sua atuação nas rodas de choro locais, enquanto Seu Zuino descreve seu primeiro contato com o violão de sete cordas e suas influências contemporâneas. Delmar Antunes, por sua vez, explora a prática da afinação do bandolim no cavaquinho, uma tradição peculiar na região. A formação de grupos e clubes do choro evidenciam o compromisso desses músicos em preservar e divulgar esse gênero musical, enriquecendo a cena cultural de Montes Claros com um "chorinho encantado" que une tradição e renovação.

No contexto do choro, a prática é frequente entre músicos mais experientes ou aqueles que foram introduzidos ao gênero através de tradições familiares. Um exemplo é o acordeonista Luiz Pedro da Costa, conhecido como Luiz Pernambuco. Embora aposentado, ele dedica seu tempo a tocar acordeão em eventos e festas, inclusive com outras bandas de forró e sertanejo locais. Apesar disso, Luiz Pernambuco é um entusiasta do choro, demonstrando habilidade ao tocar peças de renomados compositores e participando ativamente das rodas de choro quando convidado. Em entrevista, Luis Pernambuco relata como e quando aprendeu a manusear seu instrumento, e como teve o primeiro contato como chorinho:

É hereditário, meu pai fazia sanfona, e meu pai tocava chorinho na época era Pé de bode, aqueles nordestinos tocava o Pé de bode entroncado, a maioria dos choros que eu sabia eu fui aprender como meu pai, o Tico-Tico no fubá, Escadaria tudo ele tocava na sanfona, então depois veio os meus irmãos aí veio o mais velho depois o mais novo, o mais novo de nós, acho que ele não chegou ao profissionalismo por que entrou no vício do, cigarro, bebida... Então aprendi com meu pai, depois aperfeiçoei com meu irmão e depois conheci grandes tocadores de choro, Saraiva do Sax, Zé Bodega da Orquestra tabajara, o qual sempre fui fã do chorinho vindo de onde vier (DA COSTA, 2015).

Luiz, natural de Cerra Talhada, Pernambuco, inicialmente foi a São Paulo em busca de emprego. No entanto, sua conexão com Montes Claros foi estabelecida através de seu irmão, que ao percorrer as fronteiras da Bahia, tomou conhecimento das regiões do Norte de Minas, chegando finalmente à cidade de Montes Claros em torno de 1956. Contudo, foi em 1970 que Luiz encontrou a oportunidade de vir para Montes Claros e buscar uma nova vida ao lado de seu irmão. Inicialmente trabalhando como mecânico de máquinas agrícolas e tratores, posteriormente direcionou seus esforços para a música como fonte de sustento, participando ativamente das rodas de choro na cidade.

Assim como Luiz Pernambuco, outra figura importantíssima para a formação do choro aqui em Montes Claros é o músico Jesuíno da Rocha Ramos, conhecido pelos colegas de roda choro como “Seu Zuino”. Seu Zuino aprendeu a tocar violão na adolescência ouvindo um vizinho tocar, desde então resolveu começar a estudar por conta própria através de um método de violão que lhe foi dado pelo próprio vizinho. Hoje, Seu Zuino tem como instrumento o violão de sete cordas, sua história com esse instrumento igual a do choro e começou através de uma curiosidade:

Ai com pouco eu estava bem mais adiante já fazendo os acordes eu ouvia sempre radio aquele negócio todo, aí tinha umas coisas que eu ouvia no rádio que o violão dava uma nota que meu violão não tinha, sabe? Batia uma escala lá cassava no meu violão não achava nem de jeito nem um encabulei com aquilo, mas não é possível é violão e não tem essa nota, ai uma vez conversando com uma certa pessoa não me lembro quem disse: _ Não Zuino aquilo é violão de sete corda cara. Euregalei o olho assim e disse violão de sete cordas? Nunca vi (RAMOS, 2015).

A conexão de Seu Zuino com o choro foi estabelecida por meio da rádio, onde ele sintonizava composições de renomados artistas como Dilermando Reis e Pixinguinha. No entanto, suas influências não se limitaram apenas a isso, pois Seu Zuino também explorou referências mais contemporâneas. Quando questionado sobre sua familiaridade com outros violonistas de sete cordas, mencionou prontamente Yamandu Costa, virtuoso do violão nascido em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, afirmando: "Yamandú pessoalmente eu não conheço, mas tenho muitas gravações dele e aprendo muita coisa com ele." Além de Yamandu Costa, Seu Zuino também procurou inspiração em Rogério Caetano, João Pernambuco e Dino Sete Cordas. Ao contrário de uma formação musical formal, como a oferecida por conservatórios ou escolas tradicionais, o aposentado aprendeu a tocar violão através de métodos independentes. Essa abordagem permitiu a ele acompanhar outros músicos com facilidade e compreender partituras de forma notável. Seu conhecimento sobre choro é bem vasto, pergunta-se também sobre quando exatamente teve um contato com o choro e ele conta a seguinte história:

Primeiramente foi o seguinte, eu fui convidado para um casamento, mas não foi para tocar nem nada ai eu ainda estava engatinhando o violão de seis cordas ainda já estava fazendo muitos acordes sabe como é que é? Aí o casamento lá e tal na festa lá , na casa lá e tinha um velho calça preta ai eu falava assim ó esse velhinho ai toca apanharam um violão lá e deram o velho, até de coque lá no chão sabe? Que eu nunca tinha ouvido pegar o violão assim aí tirou aquela musiquinha do Dilermando Reis. Dilermando Reis, assim na verdade, ela é de João Pernambuco, né? Sons de Carrilhões, ai tirou Sons de Carrilhões e eu nunca tinha visto ninguém puxar corda por corda assim em cada dedo, eu arregalei o olho assim, porque eu só batia assim, não sabia que puxava com o dedo não, aí eu comecei o negócio do choro (RAMOS, 2015).

Jesuíno da Rocha Ramos nasceu em Bocaiúva, porém passou toda a sua juventude em Montes Claros, onde teve seu primeiro contato com a música. Durante esse período, ele fez parcerias musicais com diversos colegas, e atualmente integra grupos de serestas, além de participar de encontros de chorões na cidade.

Outro músico que recebeu a herança do choro por meio de seu pai é Delmar Ferreira Antunes, natural de Capitão Enéas, MG. Aos doze anos, Delmar mudou-se com sua família para Montes Claros. Embora o cavaquinho tenha sido seu primeiro instrumento musical, ele passou a tocar bandolim por volta dos treze anos. Adotando a afinação do bandolim, Delmar pôde explorar o repertório de choro composto por esse instrumento. Ele compartilha como adaptou as técnicas do bandolim para o cavaquinho:

Então com treze, quatorze anos eu comecei a tocar no cavaquinho com a afinação do bandolim, pois tem um prática que tem aqui na região do norte de Minas que eu até estudei um pouquinho sobre esse assunto. Todos os “cavaquinistas” de Montes Claros com mais de sessenta, setenta anos, todos assim, entre aspas, uma grande parte toca cavaquinho na afinação do bandolim [...] então muita gente tocava então eu acho que foi por isso que meu Pai aprendeu a tocar também o bandolim em um cavaquinho afinado na afinação de bandolim então eu comecei a tocar no cavaquinho e fui tocando fui aprendendo aos poucos lá pros dezesseis, dezessete anos eu adquiri meu primeiro bandolim, foi nessa faixa aí, nessa idade também eu distanciei do meu pai a serviço, fui estudar fora, fui trabalhar fora e aí eu fiquei tipo sem um parceiro pra continuar tocando (ANTUNES, 2015).

Essa fala revela a trajetória musical de Delmar Ferreira Antunes e sua abordagem única para aprender a tocar bandolim. A afinação do bandolim no cavaquinho é uma prática regional interessante, e ele a adotou com base na observação de que muitos cavaquinistas mais velhos em Montes Claros a utilizavam. Isso demonstra uma tradição local peculiar que influenciou seu caminho musical. Além disso, a menção de como adquiriu seu primeiro bandolim e a sua separação temporária de seu pai - que também tocava bandolim - evidenciam os desafios e transformações que moldaram sua jornada musical.

Sentindo-se na obrigação de repassar essa tradição de tocar e divulgar o Choro, Delmar formou um grupo com familiares e amigos tocando em eventos sociais e outras confraternizações. Esse grupo surgiu por volta de 2007 na cidade de Januária - MG dando início a formação de um clube do choro onde os músicos que praticavam o gênero pudessem ter seu espaço para a prática e divulgar seu trabalho. No entanto, Delmar atualmente é concursado e hoje reside na cidade de Montes Claros, porém não deixou de exercer a prática musical do choro aqui na região. Delmar é um assíduo praticante do choro e sempre quando tem oportunidades participa de rodas de choro

pela cidade e constantemente é convidado para participar em outros eventos que envolvem o gênero.

O grupo de choro Confraria

Outro exemplo de grupo de choro que se pode citar em Montes Claros é o grupo Choro de Confraria. Esse grupo teve suas origens em Montes Claros e ao longo dos anos, passou por algumas modificações entre os seus integrantes. Quando solicitado para uma entrevista foi selecionada Edna Cilene de Souza, Pandeirista e também fundadora do grupo juntamente com seu irmão Agedor Dias de Souza Filho, Elaretrata bem como surgiu a ideia de montar um grupo de Choro:

O grupo começou da vontade de tocar choro mesmo eu e meu irmão, Agedor. A gente queria tocar choro, eu já tocava violão ele tocava cavaquinho fazia alguns solos no cavaquinho e certa vez a gente conheceu outro amigo que tocava choro também um dia Hamilton de Holanda que é do grupo Dois de Ouro veio tocar aqui em Montes Claros, acho que foi em dois mil e cinco pra dois mil e seis mais ou menos e agente foi no show dele e nós ficamos extasiados com a qualidade de som com a técnica com a competência dos músicos e decidimos fazer um grupo querendo tocar mesmo, não com mesma pretensão com a qualidade do Dois de Ouro, mais pegamos o Dois de Ouro como motivação e assim foi (Edna Cilene de Sousa, 2015).

No entanto, como já dito o grupo veio de algumas modificações até chegar a formação de hoje, algumas dessas modificações foi o próprio nome do grupo que antes era Receita de Samba, outra modificação foram os integrantes, Segundo Edna, o grupo tinha problemas em conseguir percussionistas, e o seu irmão estava passando por um processo de transição do cavaquinho para o bandolim.

[...] então acabou depois que alguns membros saíram, foram fazer outros projetos e o grupo acabou mais ou menos em dois mil e dez, ai final de dois mil e onze nós nos encontramos novamente, então conhecemos outra pessoa que tocava violão de sete cordas que era o Geonisson ele começou a tocar com agente ai eu já comecei a fazer o pandeiro que antigamente o grupo precisava de um freelance pra tocar percussão ai agente sempre dependia desse freelance, e agenda nossa estava amarada a essa pessoa, ai pra ficar mais livre eu comecei aprender pandeiro já que Geonisson estava fazendo o violão de sete cordas, então o projeto ficaria um violão só que é o violão de sete cordas e eu no pandeiro, e nessa altura da situação o Agendor já estava tocando o Bandolim de oito cordas ai foi um Up-Greid muito bom no grupo, ai como só eu e Agendor que era do projeto antigo ai nós resolvemos mudar o nome do grupo para Choro de Confraria ai foi assim que nasceu o grupo nosso. (SOUSA, 2015).

O grupo de Choro de Confraria é bem conhecido entre os músicos que tocam choro e música instrumental na cidade de Montes Claros. O grupo já se apresentou em bares e eventos culturais importantes da cidade, contribuindo assim para a divulgação do gênero e ampliando as práticas de choro na região, sempre quando podem, são convidados para tocar.

Considerações finais

As considerações finais deste estudo nos levam a uma apreciação mais profunda da importância do choro na cultura musical de Montes Claros. Através da exploração detalhada de diversos relatos e depoimentos, pudemos observar como esse gênero musical transcende os limites do tempo e encontra expressão em músicos de diferentes gerações e origens.

Através da trajetória de músicos como Geraldo Paulista, Jesuíno da Rocha Ramos, Delmar Ferreira Antunes e Luiz Pernambuco, ficou claro que o choro não é apenas um estilo musical, mas um testemunho vivo da história pessoal e cultural de cada músico. A herança transmitida de geração em geração e as histórias de aprendizado autodidata ou guiado por influências familiares destacam a natureza dinâmica e orgânica do choro.

Os grupos de choro, como o Grupo de Choro Geraldo Paulista e o Choro de Confraria, desempenham um papel crucial na promoção e divulgação do choro em Montes Claros. Esses grupos não apenas honram os legados dos músicos anteriores, mas também refletem a busca contínua por compartilhar o choro com o público e manter suas tradições vivas.

A ligação entre o choro e a educação musical formal, representada pelo Conservatório Estadual Lorenzo Fernandez, também ressalta a dedicação em passar o conhecimento do choro para as novas gerações. A coexistência entre práticas informais e instituições formais ilustra como o choro é uma expressão musical versátil, adaptável a diferentes contextos.

No entanto, apesar do comprometimento dos músicos em divulgar o choro, surgem desafios para ampliar sua presença na sociedade local. As reflexões sobre a necessidade de mais esforços para tornar o choro mais acessível e apreciado destacam a importância de continuar trabalhando para expandir seu alcance e valor. Em última análise, este estudo nos mostra que o choro transcende fronteiras geográficas e temporais, ligando músicos e comunidades através de sua rica história e expressão musical. A dedicação dos músicos em Montes Claros em preservar e divulgar o choro serve como um lembrete inspirador de como a música tem o poder de unir, transmitir tradições e enriquecer a vida das pessoas.

Referências

DINIZ, André. Almanaque do Choro: A História do Chorinho, o que ouvir o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Zahar. Rio de Janeiro, 1986.

NAPOLITANO, Marcos. História & Música: História cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ANTUNES, Delmar Ferreira. Montes Claros, 08 set 2015. Aparelho Celular (LG-L65, 5G).

Entrevistas

ANDRADE , Sebastião. Montes Claros, 26out 2015. Aparelho Celular (LG-L65, 5G). Entrevista concedida a Edson Couto Silva.

COSTA, Luiz Pedro da. Montes Claros, 09 out 2015. Aparelho Celular (LG-L65, 5G). Entrevista concedida a Edson Couto Silva.

PINHEIRO, Jonathan Engrácio. Montes Claros, 16set 2015. Aparelho Celular (LG-L65, 5G). Entrevista concedida a Edson Couto Silva.

QUEIROZ, José do Nascimento. Montes Claros, 16set 2015. Aparelho Celular (LG-L65, 5G). Entrevista concedida a Edson Couto Silva.

RAMOS, Jesuíno da Rocha. Montes Claros, 11 out 2015. Aparelho Celular (LG-L65, 5G). Entrevista concedida a Edson Couto Silva.

SARMENTO, Luciano Candido e. Montes Claros, 16set 2015. Aparelho Celular (LG-L65, 5G). Entrevista concedida a Edson Couto Silva.

SILVA, Wanderdaik Fernandes da. Montes Claros, 20out 2015. Aparelho Celular (LG-L65, 5G). Entrevista concedida a Edson Couto Silva.

SOUSA, Edna Cilene de. Montes Claros, 19 out 2015. Aparelho Celular (LG-L65, 5G).Entrevista concedida a Edson Couto Silva.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524

ISSN: 2238-6424